

A LÍNGUA DE RUI VASQUES (C. 1435-C. 1495). UMHA NOVA EDIÇÃO DA
CRÓNICA DE ÍRIA (1467-1468)

JOSÉ ANTÓNIO SOUTO
(Universidade de Santiago de Compostela)

0. Introdução

O presente trabalho surge na sequência da elaboração de umha nova edição da *Crónica de Íria* para a Coleção Histórico-Documental da Igreja Compostelana, promovida polo Cabido compostelano e polo Seminário de Estudos Galegos¹.

A primeira publicação desta obra no ano 1888 em *El Pensamiento Gallego* deve-se ao ilustre cónego e arquivista A. López Ferreiro². No nosso século Jesus Carro preparou umha segunda versom, em boa medida baseada na anterior, e dada a prelo em Santiago no ano 1951 como anexo de *Cuadernos de Estudios Gallegos*³. Em ambos os casos o texto, tal como nos foi apresentado, é inútil para qualquer estudo sobre língua. Isto deve-se aos critérios editoriais adoptados e sobretudo ao considerável conjunto de erros que deturpa sensivelmente a configuração idiomática. Em múltiples casos o despropósito é tam evidente que umha leitura superficial teria de levantar suspeitas sobre a realidade de numerosas formas ali estampadas. Esta constatação exigiria, pois, um uso muito restrito do seu testemunho, nomeadamente em questons de fónetica e fonologia históricas. Apesar disto, o texto foi tomado sem qualquer reserva, tendo como resultado algum dos mais flagrantes desatinos produzidos nos estudos filológicos na Galiza.

O intuito desta comunicação será a descriçom de algunhas características da língua da *Cr*, nomeadamente daqueles aspectos léxicos e fónicos para os quais a nova edição venha supor umha novidade a respeito do até agora conhecido. Ao mesmo tempo, é ensejo para reflectirmos sobre a evoluçom da língua naquel momento cronológico.

1. A *Crónica de Iria*

Se o exíguo da produçom prosística produzida na Idade Média no nosso país seria suficiente para outorgar um protagonismo excepcional à *Crónica de Iria*⁴, ainda outros motivos lhe conferem umha significaçom notável para a cultura galega, e designadamente para a história da língua galego-portuguesa na Galiza. Estamos perante a derradeira produçom literária escrita no nosso idioma ao longo da Idade Média, ela é, pois, o último representante de umha Galiza lingüisticamente "normal". Com efeito, a partir da altura em que esta se elabora o nosso país viu como o seu idioma era banido da funçom cultural escrita e, em breve período, reduzido unicamente às funçoms veiculadas pola oralidade. Como se sabe, esta foi umha das primeiras conseqüências da nossa vinculaçom a um espaço político, o reino castelhano-leonês, que lingüisticamente se assumiu castelhano.

A obra que nos ocupa é, no sentido etimológico, radicalmente galega. Face a outras produçoms prosísticas medievais baseadas em antecedentes castelhanos, constitui em essência umha versom de duas crónicas altomedievais também galaicas: o *Cronicom Iriense* e a *Historia Compostelana* com outras fontes menores entre as quais devemos salientar o fictício *Privilégio dos Votos* do séc. XII.

A determinaçom das circunstâncias da criaçom nom oferece qualquer dificuldade. Todo leva a pensar que na sua origem está, talvez como representante do cabido, Fernám Peres de Leira, cónego compostelano, que teria encomendado a Rui Vasques umha adaptaçom/traduçom das obras anteriores o que realizou entre a "quinta feira, a viinte dias do mes de Abril" de 1467 e o dia vinte nove de Março de 1468. O autor, cuja vida podemos rastejar entre meados da década de sessenta e 1495, surge inicialmente como clérigo ao serviço de Fernám Peres de Leira e posteriormente em 1468 como clérigo de Santa Vaia de Chacim (Maçaricos, C) Mais tarde, chegará a ser membro da Confraria do Clérigos do Coro e procurador da mesma.

O anterior permite-nos estabelecer com bastante precisom os parâmetros que determinam a nossa obra:

1. Social: camada média-baixa do estamento eclesiástico, que surge assi como o último consumidor de cultura escrita em galego.
2. Geográfica: actual regiom centro ocidental corunhesa. Podemos situar a vida, e provavelmente a origem, de Rui Vasques no espaço geográfico que vai de Santiago de Compostela à costa ocidental adjacente.
3. Temporal: 1467-1468. A hipotética existência de umha versom anterior —com base no manuscrito tardio da Biblioteca Vaticana— é totalmente inconsistente, visto que, como se pode demonstrar, este último é simplesmente cópia tardia do original compostelano, com

supressom do inciso sobre sucessos contemporâneos e do cólofom que a encerra.

2. A língua

O conhecimento exacto dos condicionantes acima citados resulta de grande interesse à hora de avaliarmos com precisom o valor do seu "testemunho" linguístico, somando-se igualmente como circunstância favorável a, já comentada, derivaçom de modelos latinos autóctones e nom de fontes castelhanas que poderiam ter induzido umha maior presença de formas espúrias. Isto leva-nos a umha das maiores dificuldades para conhecer o língua realmente falada na Galiza ao longo da Idade Média, a interferência do castelhano. O que nos dará ocasiom para, iniciando o nosso percurso, contemplá-lo em relaçom a produçom a que nos referimos.

2.1. Léxico

Castelhanismos

Como se sabe, a situaçom sócio-cultural da Galiza submetida politicamente ao reino castelhano-leonês permitiu que o castelhano acabasse por substituir em inícios do séc. XVI o nosso idioma em quaisquer dos âmbitos veiculados pola escrita. Ora bem, este feito está longe de ser um fenómeno súbito, trata-se de um processo cujas raízes alastram aos inícios da escrita galega no séc. XIII, e que conhecerá um salto qualitativo a partir do séc. XV devido ao desfecho de diversos acontecimentos políticos. Tal situaçom fai com que a escrita produzida na Galiza na IM poda ser comparada com um vidro que se embacia progressivamente até se tornar opaco para contemplar o objecto que se encontra por trás dele. Nesta situaçom, o estudioso deverá proceder com especial cautela para nom confundir a realidade com a visom deformada dela e, ao mesmo tempo, aproveitar aqueles ocos ainda nítidos da superfície. Infelizmente, a interferência de preconceitos anacrónicos, amiúde ligados ao problema da padronizaçom, levaram paradoxalmente à atitude contrária. Destarte, tentou-se "descobrir" a realidade actual, profundamente castelhanizada, no período medieval com a finalidade de lhe dar um estatuto autóctone sob denominaçoms do tipo: "forma moderna", o que conleva a exclusom das formas tradicionais galego-portuguesas, pretensamente "arcaicas"⁵

Como era de esperar numha obra situada em data tam avançada como 1467-1468, a *Clr* também conhece a pegada do castelhano, assi o reconhecia o anterior editor.

"Ruy Vazquez, influenciado ya por el choque de la cultura castellana, revela su estilo la particularidad del uso de algunas

palabras y giros de este idioma en el gallego, fenómeno de suma importancia pra la filología española"⁶.

A afirmação é, contudo, paradoxal, pois a imensa maioria das formas espúrias contidas na sua edição não são imputáveis ao bom de Rui Vasques, mais ao próprio Jesus Carro. Como era de esperar, os "erros de leitura" devidos à falta de destreza paleográfica resolvêram-se habitualmente pela adopção de um resultado marcado pela forma castelhana, como comprovamos no Quadro I.

Quadro I
CASTELHANISMOS FALSOS NA EDIÇÃO DE CG

Edição de CG	Leitura do Ms.
<i>alguna, huna</i>	<i>Algũa, hũa</i>
<i>anunciaçion, ascension; servicio</i>	<i>anunciaçon, ascenson; serviço</i>
<i>começo, etc.</i>	<i>começo, etc.</i>
<i>comulgar</i>	<i>comungar</i>
<i>cuia</i>	<i>cuja</i>
<i>xristianos</i>	<i>christãos</i>
<i>dessio</i>	<i>desejo</i>
<i>ellos, estos</i>	<i>elles, estes</i>
<i>manteenimento</i>	<i>manteemento</i>
<i>nuestro</i>	<i>nostro</i>
<i>partieron</i>	<i>partiron</i>
<i>obispo</i>	<i>o bispo</i>
<i>ottorgou</i>	<i>outorgou</i>
<i>otros</i>	<i>outros</i>
<i>recibir</i>	<i>receber</i>
<i>segun</i>	<i>segundo</i>
<i>seen</i>	<i>seeu</i>
<i>su, sus</i>	<i>sua, suas</i>
<i>traer "traguer, trazer"</i>	<i>traer "trair, atraiçoar"</i>
<i>truxeran</i>	<i>trouxeran</i>
<i>vinieron</i>	<i>vieron</i>
<i>vivieron</i>	<i>viveron</i>

A correspondência que assinalamos é quase sempre pontual e assim também podemos registar a forma galego-portuguesa no texto da edição anterior. No entanto, em vários casos e por diversos motivos o resultado indicado em primeiro lugar pode ser total ou parcialmente sistemático, o que resulta especialmente grave, assim ⁷ *huna* e *alguna* consequência da reprodução do til como -n-, sem indicação prévia; *elles, estes* devido à errada interpretação do nexos <es>;

christão(s) por desenvolvimento da abreviatura. Para *segun* alterna esta forma, consequência de desdobrar *segº*, e *segundo* quando se regista por extenso⁸.

Um caso particular é a alteração, provavelmente voluntária, do texto de que resulta a intromissom de umha forma espúria. Referimo-nos ao seguinte trecho:

“Et alguus seus inimigos, por zelo de envidia, disseron a el rrey que el que queria *traer* o *rreyno* de Galiza et o queria tirar a el rrey et darllo aos ingleses” (fól. 8vb)

J. Carro ignorando o significado de *traer* (“trair, atraiçoar”) e confundindo-o com o castelhano *traer* (“trager, trazer”) substitui o artigo pola preposição *a*, tentando com isto, possivelmente, atenuar a falta de sentido que para el teria o fragmento.

Como vemos, a presença de formas alheias é consideravelmente mais reduzida do que até agora conhecíamos, mesmo com vantagem sobre algumas mostras da prosa notarial coetânea. No entanto, como dizíamos, a *Cir* nom poderia deixar de transparecer a pegada da situação política duma Galiza submetida administrativamente e, portanto, culturalmente a Castela. Observamos a presença de formas procedentes do romance central, algumas ainda ausentes da oralidade actual mais castelhanizada. Estas podem conviver com o resultado autóctone numha ou outra proporçom. Vejamos alguns exemplos, limitados agora ao campo léxico, no Quadro II:

Quadro II
FORMAS CASTELHANAS E GALEGO-PORTUGUESAS NA *CIR*

Forma galego-portuguesa	Forma castelhana
<i>ata</i> (12)	<i>fasta</i> (24)
<i>bispo, bispado</i> (45+11)	<i>obispo, obispado</i> (107+4)
<i>cabidóo</i> (1)	<i>cabildo</i> (1)
<i>cardeal, etc.</i> (26)	cardenal [<i>cardenaes</i>] (2)
<i>coengo</i> (3)	<i>canonigo</i> (14)
<i>inimigo</i> e var. (7)	* <i>enemigo</i> [<i>enemigos</i>] (2)
<i>enton</i> (12)	* <i>entonces</i> e var. (9)
<i>nen</i> (2)	<i>nin</i> (19)
<i>segundo</i> e var. (7)	<i>segun</i> (9)
<i>sen</i> (8)	<i>sin</i> (1)
<i>teer, tiña</i> (1+7)	<i>tener, tenia</i> (2)

* Formas também conhecidas no galego-português medieval.

Como se reflecte no Quadro III, noutros casos já nom registamos a forma galaica tradicional, sendo o resultado castelhano único.

Quadro III

Formas castelhanas exclusivas ⁷
<i>arçobispo</i> (18), <i>arçobispado</i> (1)
<i>canpanas</i> (1)
<i>condoler</i> (3) [<i>condolendose</i>]
<i>dolor</i> (2)
<i>donações</i> (3)
<i>envidia</i> (1)
<i>generaçom</i> (2)
<i>medeo</i> (2), <i>medio</i> (1)
<i>mercede</i> (1)
<i>menester</i> (1)
<i>peligro</i> (1)
<i>persona</i> (7)
<i>sangre</i> (1)

Contodo, naqueles formas de documentação escassa nom é possível verificarmos se essa forma é realmente exclusiva na língua do autor.

Apesar da presença destes resultados espúrios -nengum deles exclusivo da *Clr*- é muito interessante notar a documentação de diversos resultados autóctones em muitos casos totalmente ausentes da oralidade espontânea actual e mesmo do modelo oficializado. Entre eles, limitando-nos ainda aos aspectos léxicos, citemos: *achar*, *arvores*, *amoestar*, *bispo*, *cabido*, *decer*, *esleito*, *ficar*, *jajûu*, *oitenta/oiteenta*, *perseguiçon*, *quinentos*, *raina*, *subjeiçon*, etc.

Noutra ordem de cousas, assinalemos como feito salientável a alternância entre duas formas de “deixar” face a oito do arcaico “leixar”. De igual signo é a distribuição de *esleer* (7) vs. *eleger* (8); *gaançou* (8) vs. *gañaron* (1)

2.2 Fonética

Vocalismo

A informação de carácter fónico da *Clr* é, como no conjunto da documentação do período, pouco explícita a respeito de alguns dos aspectos mais importantes da evolução vocálica. Este é o caso, como sabemos, da alteração de timbre da vogal tónica polo efeito metafónico da vogal final ou do encerramento produzido por umha nasal homossilábica, fenómenos característicos da faixa ocidental galega e particularmente da área onde supomos foi redigido o texto. A obra que comentamos nom fornece nengum tipo de dado directo ou indirecto a respeito do já conhecido.

Quanto ao subsistema átono, registemos apenas a ocorrência de várias formas em que foi utilizado o grafema <u> onde caberia esperar <o>, referimo-nos aos plurais: *reditus* (2) e *dicipulus* (2) -também *dicipulos* (2)- e à forma verbal de pretérito *dilatarun* (1). Poderíamos pensar que se trata de um reflexo gráfico do carácter [+alt] que poderiam possuir eventualmente as vogais átonas em posição final e/ou contacto com nasal. O exíguo dos exemplos e o carácter especialmente erudito de *reditus* e *dilatarun* -que poderia apontar para umha sugestom latinizante- nom permitem umha total certeza sobre a presença de um fenómeno fonético e nom apenas gráfico. Notemos, contudo, a presença de vogais [+alt] precedendo a átona final, no caso dos substantivos, situação que nom parece ter tido qualquer repercussom na deriva histórica do nosso idioma.

Quanto às diversas flutuaçoms fonéticas devidas aos fenómenos de assimilaçom e dissimilaçom, tampouco a *Clr* oferece tratamentos especiais. Situamos neste ponto formas como: *fimosura*, *pinitencias*, *prictson*, *refortorio* ("refeitorio"), *saglar* (*seglar*), *saseenta*, *sateenta* (*seteenta*), *somana*, *vistiduras*, etc. e nos ditongos: *soude* ou *treiçon*.

Encontros vocálicos

O nosso texto nom documenta novidades a respeito da documentação coetânea. Predomina ainda a situação antiga, isto é a manutençom das vogais em hiato em qualquer posição: *gaançou*, *maa*, *pee*, *poboo*, *poer*, *meesmo*, *moordomo*, *moosteiro*, *ningũ*, *paaço*, *Saar*, *seer*, *seteenta*, *tiina*, *vtian*, *voontade*, etc. Polo contrário, a tendência para a crase é assegurada pola documentação da soluçom actual: *mosteiro*, *ningũ*, *tinan*, *contiña*, *mantina*, *via*, *vina*, *vontade*, etc. ou a utilizaçom de reduplicaçoms anti-etimológicas: *aa*, *aaquel*, *antiigos*, *ceoo*, *inamigos*, *ipocrisita*, *maantemento*, *recebitdo*, *vaarros*, *voondade*, etc., embora este último uso nom pareça totalmente indiscriminado.

Um caso particular é constituído pola evoluçom da terminaçom do plural para as palavras acabadas em consoante lateral ou nasal. Actualmente na Galiza convivem fundamentalmente duas soluçoms: umha análoga tipologicamente à geral portuguesa com transformaçom do hiato em ditongo polo encerramento do segundo elemento vocálico, a outra própria do espaço centro-occidental em que o processo levou à fusom dos dous elementos por assimilaçom à tónica¹⁰. O nosso texto, segundo vemos no Quadro IV, como corresponde à situação geográfica que lhe supomos, só regista precedentes do segundo tipo ainda minoritários face à soluçom galego-portuguesa antiga.

Quadro IV
PLURAL DOS NOMES ACABADOS EM LATERAL E NASAL

A	B
<i>angelicaes</i> (1) <i>ataes</i> (1) <i>cardeaes</i> e var. (12) <i>ocidentaes</i> (1) <i>quaes, quaesquer</i> (20+2) <i>taes</i> (2) <p style="text-align: right;">39</p>	<i>cardeas</i> e var., <i>cardeas</i> e var. (5+3) <i>ispaños</i> (1) <p style="text-align: right;">9</p>
<i>cães</i> (1) <i>corações</i> (1) <i>distribuições</i> (1) <i>doações</i> (3) <i>infestações</i> (1) <i>orações</i> (6) <i>predicações</i> (1) <i>pricições</i> (1) <i>provações</i> (1) <i>razões</i> (1) <i>varões</i> (1) <p style="text-align: right;">18</p>	<i>*confesoos</i> (1) <i>*discusões</i> (1) <i>lúus</i> (1) <i>objecções</i> (1) <i>orações</i> (1) <i>pioos</i> (1) <i>posisões</i> e var. (5) <i>predicações</i> (1) <i>pricissoos</i> (1) <i>prijoos</i> (1) <i>varões</i> e var. (2) <p style="text-align: right;">14(+2*)</p>

Consideramos de forma independente as formas do tipo *gentiis* (2), *rociis* (1) e *beens, fiees* e var. (4), pois, no primeiro caso, a assimilação pertence já ao período pré-literário e, no segundo, por serem as duas vogais idênticas em origem.

Podemos aproximar evolutivamente das anteriores o apelido *Paaes/Paes* (3+2) que já conhece a variante *Páás* (1) e também os resultados castelhanos com conservação do -l- *Pelaes/Pelaez* (2+4). Estes também se registam de forma muito minoritária em dous termos: *ocidentales* (1), *provenciales* (1).

Em *semellaveles* (1) observamos um tipo de plural com conservação do -l- conhecido na documentação galega para o plural de formas latinas com o sufixo -bilis.

Vogais nasais

No que di respeito da situação do vocalismo nasal, a nova edição apresenta novidades muito importantes; fundamentalmente porque na anterior nom se figera uso do til. As soluções adoptadas por Jesus Carro foram essencialmente duas: (i) a sua supressom: *ningua* (*ningūa*) *boos* (*bōos*), *destróirona* (*destróirōna*), etc. (ii) ou, o que é mais grave, a sua representação

como *n* ou *m* sem qualquer esclarecimento: *espesidume* por *espesidüe*, *buna* por *büa*, *Xristianos* por *Christãos*, etc. Tal proceder obviamente impedia qualquer aproximação a este aspecto e, como foi exposto, induziu falsamente a presença de castelhanismos na *Cr.*

O estudo da evolução do subsistema vocálico nasal -para nós limitado originariamente às vogais nasaladas pela queda do -N- intervocálico- é um aspecto problemático, pois desde as origens a sua plasmação gráfica nom obedeceu a pautas totalmente uniformes, aparecendo, por outro lado, o uso do "til", em muitos casos, como polivalente. Nom é o nosso propósito desenvolver, nem sequer minimamente, estes assuntos, mais simplesmente prevenir contra uma possível interpretação simplificadora que, por exemplo, equacionasse directamente ausência de marca gráfica e desnasalamento.

A situação do nosso texto é muito similar ao que já foi descrito em relação à documentação medieval e particularmente à coetânea da obra. Num grupo de formas observamos o desaparecimento de qualquer vestígio gráfico de nasalidade na vogal que precedia a consoante elidida: *amoestar*, *gaançou*, *moostetro*, *poer*, *poendo*, *tiña*, *vieron*, *vir*, etc. Pelo contrário, o uso do til aparece limitado aos descendentes de terminações latinas com -N- (v. g. -ANU, -ANA, -ANOS, -ANA, -INES, -ONU(M), -ONA, -ONAS, -ONES, -UDINE, -UNU, -UNA): *bõa*, *bõo*, *bõos*, *bõas*, *dõas*, *cães*, *christãos*, *cidadaõs*, *irmão*, *manãa*, *mãos*, *orações*, *oraçõos*, *posisõos*, *predicaçõos*, *saão*; *virgões*, *multidüe*, *espesidüe*; *büu*, *hüa*, *hüus*; *ningüu*, *ningüa*, *jajúus*; o resultado de LUNIS: *lüus* e na P3 do Pt de vir: *võo*.¹¹ É possível que a estes exemplos se devam somar algumas das formas com diacríticos/plicas: *béés* (portanto descendentes de lat. -ENES), *dóós*, etc. Contudo, também pode faltar qualquer signo gráfico: *cidadaos* *boo*, *boas*, *jajuus*, *posisoos*, *pricissoos*, *rociis*, etc.

Ao lado desses resultados observamos de forma minoritária exemplos em que a nasalidade aparece transposta para a segunda vogal: *beens/bééns* *Ciins*, *Ciinz/Cins*, *Entiins*, *fiinceu* *Fiins*, *gionllos*, *viinr* e os problemáticos paleograficamente: *confesoons*, *discusions*. Também nom podemos descartar o anterior nos casos de *hüu* e particularmente na forma *ningü*.

A situação descrita permite-nos tirar várias conclusões:

1. É possível que desde as primeiras fases da escrita galego-portuguesa houvesse umha tendência para automatização/morfologização da nasalidade acabando por se limitar a certas terminações.
2. A alternância entre as formas de plural, com e sem marca de nasalidade, poderia levar a pensar nos precedentes dos resultados centro-ocidentais galegos em que alterna regionalmente um plural em -ns e outro em -s e que, como se sabe, se juntam actualmente na área compostelana. O mesmo se poderia dizer para a forma *boo* (*bõo* vs *bóo* e *bõos* vs. *boos*).

3. Também observamos a tendência incipiente para a transposição da nasalidade, talvez com carácter consonântico, à segunda vogal. Este fenómeno parece estar especialmente favorecido quando a vogal nasalada era “i” e particularmente nos topónimos.

Os grupos gua- e qua-

Quanto ao tratamento dos grupos iniciais *GUA-* e *QUA-* o nosso texto apresenta umha situação, pelo menos, ortograficamente assimétrica. Face à omissão sistemática da semivogal na primeira sequência, na mesma medida registamos a sua presença na segunda:

ga-: *garda, guardar, agardar.*

qua-: *quaes, quaesquer, qual, qualquer, quando, quantas, quarto, quasi, quatro, quatrocentos, etc.*

Pelo contrário figura de forma desnecessária em *cerquada, quada* (vs. *cada*) e no topónimo *Barquala*. Também aparece em *quatorze* que poderia ser umha forma real analógica de “quatro”, amplamente documentada na variante brasileira.

Apesar de que tal situação foi interpretada com exemplo do desaparecimento da semivogal, fenómeno característico de muitos falares galegos e portugueses actuais, a discordância entre um tipo e o outro nom pode deixar de surpreender, sobretudo se tivermos em conta que é idêntica à do conjunto de textos medievais e nom só. Sem prejulgarmos que dita transformação pudesse estar presente (mesmo com falta de coincidência temporal entre um e outro tipo), pensamos que tal situação é em boa medida um assunto de carácter gráfico, e até certo ponto atribuível aos hábitos de transliteração dos textos medievais. Note-se que normalmente <q>/<qa> é normalmente apresentada como <qua> o que nom se fai nunca em <ga>. Todo leva a pensar numha equivalência entre o grafema simples e o “composto” (q- = qu- e g- = gu-) em boa medida independente do seu valor fónico.

Observamos umha evolução particular quando o grupo *qua-* é átono, através de uma fase *quo-* chega a [ko]-, a primeira fase surge em *quorenta* e *quoresmas*, para este último termo registamos igualmente: *coreesma*, evolução frequente na linguagem popular galega e portuguesa.

Ditongos oi vs. ui

Outra característica de interesse para o estudo histórico da variante galega e em particular da sua variedade é o referente à situação dos ditongos “oi” e “ui” (<-ULT-, -UCT-, -OCT-, -O:RI-, -ORI-). Como se sabe, numha parte da Galiza ambos fundírom, sendo a solução mais frequente o predomínio do primeiro -oi-. Este resultado é hoje normal na área compostelana (mais a W surge -ui-). No entanto,

o testemunho da *Clr* vem confirmar que em finais da Idade Média a neutralização ainda nom se tinha consumado. Deduzimos tal situação fundamentalmente a partir dos descendentes do lat. *MULTU(M)*, apresentados no Quadro V, por serem os únicos que contam com umha presença susceptível de análise.

Quadro V
OS DITONGOS <OI> E <UI> NOS DERIVADOS DE *MULTU(M)*

<i>moi</i> (39)	39	<i>mui</i> (27)	27 (41%)
<i>moito</i> (18) <i>moitos</i> (10)	28	<i>muito</i> (1) <i>muitos</i> (3)	4 (12%)
<i>moita</i> (5) <i>moitas</i> (20)	25	<i>muita</i> (7) <i>muitas</i> (15)	22 (46%)
	92		53 (36%)

Outros aspectos

Sinalemos de forma sintética para concluir este parágrafo a presença doutros fenómenos de presença mais reduzida, mais por vezes de grande significação. Entre estes citaremos: (i) a confusom, documentada noutros textos, dos ditongos /eu/ e /ei/ em *atreweise* e (ii) a vocalização em /i/ do primeiro elemento do grupo latino -CT- em formas como *esleito*, *leitura*, *proteicon*, *reito*, *subjeicon*. Estas documentaçoms som muito interessantes, sobretudo no que di respeito de *esleito*, antecedente de *eleito*¹², e *leitura* por demonstrarem o carácter plenamente galaico dessa soluçom, negado por "lusismo"¹³ na normativa actualmente oficializada.

Consonantismo: o sistema das sibilantes

O aspecto mais salientável dentro do sistema consonántico é constituído polo estudo dos grafemas que representam as fricativas áptico-alveolares, pré-dorsais e pré-palatais. O interesse surge nom só pola riqueza de soluçoms a que levou a evoluçom posterior, mais também por se ter tornado num dos aspectos conflituosos dentro do estudo da gramática histórica da língua galego-portuguesa na Galiza. Dous aspectos merecerám em especial a nossa atençom: (i) a questom da sobrevivência da sonoridade como rasgo fonológico e (ii) o problema da neutralização de áptico-alveolares e pré-dorsais.

O primeiro é um aspecto polémico sobre o qual já me tenho manifestado. O posicionamento que defendemos -nom como preconceito, mais como simples verificaçom do que nos transmitem os textos com as suas limitaçoms naturais- é: (i) que nom se pode duvidar da existência de tal na língua falada no período

medieval e (ii) que o processo de desfonologização da sonoridade ocorrido na maior parte do território galego se deve à pressão do castelhano. A Galiza, como mais uma parte do território dominado política e linguisticamente por Castela na Idade Média, acompanhou necessariamente a evolução do modelo castelhano sua na versão setentrional.

Nom pretendemos, no entanto, entrar neste assunto salvo naquilo que tenha a ver com a obra a que nos referimos e, designadamente, com a publicação que elaboramos. Ora bem, do confronto estabelecido no Quadro VI entre o texto reproduzido por Jesus Carro com o da nova edição vemos que alguma das leituras erradas deste autor interessam o aspecto que tratamos.

Quadro VI
A REPRESENTAÇÃO DAS SIBILANTES EM CG.

Edição de CG	Leitura do Ms.
<i>comezo</i>	<i>começo</i>
<i>comenzarono</i>	<i>começarõno (B)</i>
<i>cuia</i>	<i>cuja (B)</i>
<i>dician</i>	<i>dizian</i>
<i>fecera</i>	<i>fezera</i>
<i>jacia</i>	<i>jazia</i>

Apesar de o número delas nom ser excessivo, a sua introdução alterava substancialmente a estrutura grafemática da obra. De facto, estas e outras formas desacertadas fõrom utilizadas por algum estudioso para demonstrar a confusão das duas séries. Ora bem, o testemunho da *Clr* nom permite pôr em dúvida a nítida existência de tal distinção. Mais uma vez, a nossa obra é coerente com a prática geral no último lance da Idade Média caracterizada por uma lenta mais progressiva acomodação gráfo-fonética neste campo face à instabilidade dos períodos anteriores.

Com efeito, um dos aspectos mais complexos na construção da escrita galego-portuguesa foi precisamente a distinção entre xordas e sonoras no campo das sibilantes. A adequação começou pelo campo das pré-palatais e pré-dorsais e fora do período considerado pelo das ápico-alveolares. Nom nos pode admirar que nas práticas gráficas da Galiza, marcadas por um grande arcaísmo, subsistam usos baseados em correspondências posteriormente abandonadas pela extensão da que denominamos grafia normalizada.

Como se depreende do Quadro VII, a configuração gráfica da *Crónica de Íria* nom permite postular uma hipotética neutralização da oposição xorda *vs.* sonora no subsistema das fricativas. A discriminação gráfica estabelece-se, como corresponde ao período, escrupulosamente só no caso das pré-dorsais e pré-palatais enquanto que nas apicais tal distinção é só incipiente. Ao mesmo tempo

surgem alguns resultados que nos poderiam levar a pensar numha tendência para a fusom de apicais e pré-dorsais, no entanto tal hipótese nom passa de tal devido ao número reduzido, e por vezes problemático, dos exemplos. Estes som consignados sob o rótulo de "excepçoms" no quadro a seguir.

Quadro VII
REPRESENTAÇOM GRÁFICA DAS SIBILANTES NA CIR

Fonema xordo	Fonema sonoro
Ápico-alveolares	
<p><s>: <i>sua, sandeçe, etc.</i></p> <p><ss>: <i>sse, converssaçon, desconssolada, defensor, falssa</i> (5)</p> <p><-s>: <i>asaz, pasados, fose, etc.</i></p> <p><-ss>: <i>armousse, carteousse, foisse, passion, vivessen, leixasse, creesse, fosse, missa, socessor, confessar, ocupassen, fossas, condessa, disso, Monte Rosso, ardentissimo, predecessor, antecessor, pricisson, passar, aprouvesse, cessaron, permisson, sessagessimo</i> (25)</p> <p><-s>: <i>Deus, longos, Ciins</i> (2), etc.</p> <hr/> <p>Exc.: <i>Ciinz</i> (2), <i>pricições</i> ("procissons").</p>	<p><-s>: <i>cousa, quasi, etc.</i></p> <p><-ss>: <i>cassa, ernessia, messes, posso</i> ("pujo, pôs"), <i>dessapareceu, casso, occasion, poussadas, vissitar, sessagessimo</i> (10)</p> <hr/> <p>Exc.: <i>mez</i> ("mês")</p>

Pré-dorsais	
<p><c>: <i>arcobispo, circuito, cerco, comescou, etc.</i></p> <p><ç>: <i>conçilio, pereçese, perseguiçon, terça, etc.</i></p> <p>-----</p> <p>Exc.: <i>çaragoça</i></p>	<p><z>: <i>Zebedeu, zelo, noblezas, rreduzir, dize, dozentos, trezentos, treze, onze, dizen, Galizu, fezeron, fazer, pazes, bautizoo, jazia, gozo, gradizellas, fortolleza, quatorze, rrazon, clerezia, rrezando, juízo, donzelas, rrequizas, quinze, suzidades, villezas, omezio, pobleza, plazia, sobrepeliza, doze, provizilla, Brandoriz, fazenda, dez, asaz, juíz, *Pelaez, etc.</i></p> <p>-----</p> <p>Exc.: <i>Alveres, Fiins, Martiins, Paes, asses/ases.</i></p>
Pré-palatais	
<p><x>: <i>deixaron, trouxeron, enbaixada, etc.</i></p>	<p><g>^{+e, i}: <i>eleger, fugira, gionllos, etc.</i></p> <p><j>^{+a, e, o, u}: <i>cujo, jazer, joias, linajeen, prijon, jajūu, etc.</i></p>

Como foi dito, no caso das ápico-alveolares a distinção gráfica nunca chegou a ser sistemática ao longo da Idade Média no nosso espaço lingüístico, mesmo em Portugal só se tornou geral no decorrer do séc. XVI¹⁴. É claro que para a sobrevivência dessa prática, caracterizada pela indiferenciação, terá contribuído o carácter peculiar da distinção que se virá a impor com posterioridade. Com efeito, num momento em que a prática de uniom/separação de palavras distava muito dos critérios rígidos actuais, a ausência de um grafema exclusivo e independente da distribuição para cada um dos fonemas fixo com que se mantivessem como equivalentes. Em posição inicial absoluta ou pós-consonântica sendo xordo utiliza-se o grafema simples, igualmente na final onde por fonética sintáctica podia ser xordo ou sonoro.

Apesar da evidência nítida ao respeito, alguns estudiosos com umha teimosia contumaz continuam a interpretar a "troca" entre -s- e -ss- como signos de enxordecimento, aliás contemplando o processo da conformação gráfica de maneira inversa ao que acontecia:

"Este sistema gráfico é o que primeiro se rompe nos textos e no noso xa non funciona, pois sistematicamente aparece eliminada a grafia -ss-"¹⁵

"A oposición entre a xorda (escrita *ss*) e a sonora (escrita *s*) só se daba en posición intervocálica. O que nos mostran os textos é que esta oposición xa se rompera e que só tiñámo-lo fonema xordo. Ó se rompe-la oposición fonolóxica deixa de ter sentido a distinción gráfica entre *ss* para a xorda e *s* para a sonora e por iso domina a tendencia a escribir un só *s* e non dous."¹⁶

A situación da *Clr* entra dentro dos parámetros normais da época em Portugal e na Galiza. Na posición intervocálica, que é onde se pode dar a alternancia fónica, encontramos ora o grafema simples, ora o composto utilizados indistintamente para o fonema xordo ou o sonoro, sendo o simples aquel que conta com umha maior frecuencia.

É interessante, no entanto, observar que existe umha clara tendência para utilizar o composto quando se trata do fonema xordo, isto quer a nível absoluto, pois dos 75 (+1) casos em que ocorre 23 (+1) correspondem à sonora e 52 à xorda; considerando só a posição intervocálica a tendência é similar: 23 (+1) para o fonema sonoro e 46 para o correspondente xordo. O mesmo acontece quando, para este segundo suposto, consideramos os termos léxicos afectados: 10 (+1) *vs.* 23.

No referente aos fonemas de articulação pré-dorsal ou pré-dorso-dental a situação é muito mais simples, pois a diferenciação fónica corresponde-se, por via de regra, com umha distinción gráfica. A letra <c> da qual podemos considerar simples alógrafia o <ç>, por nom estarem ainda as funções claramente discriminadas, é o referente gráfico do fonema xordo enquanto que o <z> o é para a sonora. Dissipadas as dúvidas que podia criar a presença dos erros da edição anterior, é evidente que a partir das grafias nom se pode supor qualquer indício de confluência entre ambos no nosso texto.

Umha situação similar encontramos no caso dos processos gráficos utilizados para as fricativas pré-palatais: o <x> representa invariavelmente o fonema xordo, para a sonora alternam o <g> e o <j>. No entanto, esta dupla possibilidade nom é arbitrária, pois face ao que vemos em períodos anteriores existe umha a especialização no caso de <g> para as vogais anteriores.

Como se depreende do quadro anterior, nos dous primeiros grupos registámos algumas formas que se afastam do que até agora foi descrito, mais noutro sentido. Referimo-nos àqueles casos em que o grafema próprio das ápico-alveolares é utilizado para as pré-dorsais e vice-versa. Tais "trocas" gráficas som interessantes pois poderiam documentar o fenómeno de confluência entre ambas que se veu registar, polo menos, em boa parte da metade ocidental da Galiza.

É na posição final que registamos o maior número de exemplos. No entanto, nom afecta da mesma maneira todas as classes de palavras, trata-se maioritariamente de patronímicos: *Alveres, Martins, Paes, Sanches*¹⁷ etc. ou

similares (*Fiins*) para os quais se discute se o uso da grafia *-s* constitui um indicador de confusom. Ao lado destes temos as formas do topónimo *Ciinz* ao lado de *Citns* (< lat. CINIS ?) e *mez* (“mês”) que poderíamos considerar, especialmente a segunda, formas graficamente erradas e testemunho indirecto da confusom¹⁸.

Para a posição interior temos: *asses/ases* e *pricições* que, como no caso anterior, poderiam testemunhar directa ou indirectamente a confluência referida. No primeiro exemplo seria também possível considerar que se originou analogicamente a partir de um singular *sesseante*¹⁹ No segundo caso nom podemos descartar a presença de um fenómeno assimilatório.

Em inicial só contaríamos com o topónimo *Saragoça*. Mais este resultado nom pode ser considerado “erro” por estar bem documentado ao longo de todo o período medieval.

O carácter esporádico das trocas citadas nom permite umha absoluta certeza sobre a existência do “sesseo” próprio da faixa ocidental galega. Mesmo assi, o testemunho da *Crónica de Iria* e da documentação coetânea parece apontar para a possibilidade de que tal processo de neutralização se tenham iniciado na posição final, sendo na altura praticamente sistemática — com as ressalvas apontadas — nos antigos antropónimos em *-ez* representados de forma geral por *-es*.²⁰

Notas

1 Este estudo insere-se no projecto de pesquisa “O sistema historiográfico galego no outono da Idade Média: séculos XIV-XV” subsidiado pola Dirección Xeral de Universidades e Investigación da Consellería de Educación e Ordenación Universitaria da Xunta de Galicia (XUGA 20407A97).

2 Umha versom baseada nas cópias tardias apareceu ao longo do ano 1884 em *Galicia Diplomática*, vol. II, núms. 43-45.

3 Esta edición reproduz nas notas de rodapé as leituras divergentes a respeito da anterior e também relativamente a umha das cópias posteriores.

4 A denominação utilizada deve-se ao título que encabeça o primeiro fólio: *Corónica de Santa Maria de Yria*, porém nada pode assegurar que esse fosse o original, por ser a letra muito posterior à utilizada no manuscrito.

5 O problema da determinação da interferência do castelhana é o ponto mais conflituoso no campo da investigação histórica entre as, em essência, duas propostas “normativas” presentes na Galiza. O posicionamento reintegracionista -que defendemos- reconhece a existência de tal influxo e aceita-o como irremissível em diversos campos, nomeadamente no caso da fonética (v.g. desaparecimento da oposição xorda *vs* sonora nas sibilantes, etc), mais rejeita-o em aspectos morfológicos a favor do resultado tradicional, sobretudo quando este conta com o apoio da tradição falada e escrita moderna. Polo contrário, para a corrente que aceita a filosofia da normas “oficiais” tal

influxo, salvo casos excepcionais, foi praticamente inexistente, o que implica a aceitação das soluções espanholas, por vezes sob disfarce subtil, como genuínas (v. g., formas de plural em *-les*: *tales*, *soles*, etc.; terminações com iode conservado: *-ción*, *-cio*, etc.; adscrição à CIII de verbos tradicionalmente da CII: *dicir*, *recibir*, *vivir*, etc; nomes dos dias da semana: *mercores*, *xoves*, *venres*; e um terrível etc.).

6 Jesus Carro García, *Corónica de Santa María de Iria*, Cuadernos de Estudios Gallegos, Anejo V., Santiago de Compostela, 1951, p. 19.

7 Prescindimos das formas de ocorrência única como *manteemento*, *ascenson*, *anunciaçon*.

8 É interessante notar que A. López Ferreiro oferece ocasionalmente a leitura correcta, v. g. *elles*, etc., paradoxalmente isto pode comprovar-se nas notas de rodapé da edição de J. Carro García.

9 Para várias das consignadas existem problemas de adscrição, optando alguns pola consideração autóctone.

10 Neste segundo caso hai ainda unha diferenciación dependendo da manutención da nasalidade como consoante nasal ("razons") ou do seu desaparecimento ("razôs") na região central.

11 A forma *cardēaes* apresenta problemas de interpretação.

12 A forma actual (*eleito*) supom unha adaptación formal do resultado antigo, pertencente ao arc. *esteer*, à raíz da variante *eleger* generalizada posteriormente.

13 No *Diccionario de dúbidas da lingua galega*, Galaxia, Vigo, 1991, a forma *leitor*, e portanto *leitura* que nom se regista, é qualificada como "Portuguesismo" por *lector* "palabra con conservación do grupo característica dos vocábulos cultos" (sic), s. v.

14 Durante a Idade Média a prática gráfica distintiva varia de uns textos para outros e aparece ligada ao carácter do documento, o que determina o tipo de letra.

15 R. Lorenzo, "Un documento galego de 1466", em *Homenaxe ó profesor Constantino García*, II, Departamento de Filoloxía Galega-Universidade de Santiago, 1991, p. 378.

16 R. Lorenzo, "Documentos medievais do mosteiro de San Munio de Veiga. Transcripción e comentario", *A Trabe de Ouro*, 21, p. 114. Note-se que esperaríamos exactamente a tendência contrária, escrever *ss* e nom *s*, o que evidentemente nom se dá.

17 É interessante salientar que o único antropónimo em *-ez* é o resultado castelhana *Pelaez* documentado ao lado das formas galego-portuguesas *Paes/Paas*.

18 A forma *mez* ocorre perante oclusiva dental sonora ("*mez de Março*" fól. 14v), o que poderia ter induzido unha articulação pré-dorso-dental provocando o aparecimento da grafia <z>.

19 Seria um exemplo indirecto da neutralização em posição final (cf. infra).

20 Para além das formas citadas, registamos num caso a forma *rrezeron* em lugar de *rregeron*, preferimos considerá-la simples erro gráfico (talvez induzido pelas formas do verbo *rrezar*?)